



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE - PB
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

ARTHUR DA ROCHA CORDEIRO

**AFINAL, QUAL É O BICHO DE 7 CABEÇAS?: O DISCURSO PSIQUIÁTRICO E A
IMAGEM DO JOVEM USUÁRIO DE DROGAS NAS LENTES DE LAÍS BODANSKY
(BRASIL, 1990-2000)**

CAMPINA GRANDE - PB.

2023

ARTHUR DA ROCHA CORDEIRO

**AFINAL, QUAL É O BICHO DE 7 CABEÇAS?: O DISCURSO PSQUIÁTRICO
E A IMAGEM DO JOVEM USUÁRIO DE DROGAS NAS LENTES DE LAÍS
BODANSKY (BRASIL, 1990-2000)**

Trabalho de Conclusão de Curso
(Artigo) apresentado ao
Departamento de História do Centro
de Educação da Universidade
Estadual da Paraíba como requisito
parcial à obtenção do título de
licenciado em História.

Área de concentração: Estudos do Brasil

Linha de pesquisa: Relações de
poder, Subjetividade e Cultura
Política.

Orientador: Prof. Dr. José dos Santos Costa Júnior

CAMPINA GRANDE - PB.

2023

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C794a Cordeiro, Arthur da Rocha.

Afinal, qual o bicho de 7 cabeças? [manuscrito] : o discurso psiquiátrico e a imagem do jovem usuário de drogas nas lentes de Laís Bodanzky (1990-2000) / Arthur da Rocha Cordeiro. - 2023.

23 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História)
- Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2024.

"Orientação : Prof. Dr. José dos Santos Costa Júnior,
Coordenação do Curso de História - CEDUC. "

1. Relações de poder. 2. Cinema. 3. Saúde mental. 4.
Juventude. I. Título

ARTHUR DA ROCHA CORDEIRO

AFINAL, QUAL É O BICHO DE 7 CABEÇAS?: O DISCURSO PSIQUIÁTRICO E A IMAGEM DO JOVEM USUÁRIO DE DROGAS NAS LENTES DE LAÍS BODANSKY (BRASIL, 1990-2000)

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento de História do Centro de Educação da Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em História.

Área de concentração: Estudos do Brasil

Linha de pesquisa: Relações de poder, Subjetividade e Cultura Política

Aprovada em: 30/11/2023

BANCA EXAMINADORA

Jose dos Santos Costa Junior

Prof. Dr. José dos Santos da Costa Júnior (UEPB – Orientador)

Naiara Leonardo Araújo

Profa. Dranda. Naiara Leonardo Araújo (UFSC – Examinadora)

Alan Christian Q. Alvão

Profa. Drando. Alan Christian Quadros Alvão (UFRGS – Examinador)

Aos meus amigos, família e parceira, obrigado pelo apoio e paciência nesses anos.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	CONSTRUINDO O PERFIL DO JOVEM INSTITUCIONALIZADO NO MANICÔMIO: A RELAÇÃO FAMILIAR E AS DROGAS NA CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE JUVENIL	10
3	CONSTRUINDO O ESPAÇO DA INSTITUCIONALIZAÇÃO: A ANÁLISE DO AMBIENTE DO MANICÔMIO, SUAS CARACTERÍSTICAS E FUNCIONAMENTO	16
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
	REFERÊNCIAS.....	24

AFINAL, QUAL É O BICHO DE 7 CABEÇAS?: O DISCURSO PSQUIÁTRICO E A IMAGEM DO JOVEM USUÁRIO DE DROGAS NAS LENTES DE LAÍS BODANSKY (BRASIL, 1990-2000)

Arthur da Rocha Cordeiro¹

RESUMO

Nesse trabalho abordaremos a exposição do jovem transgressor, explorando sua juventude, desejos, costumes, hábitos e frustrações, além de examinar suas relações sociais com família e amigos. Em seguida, contextualizaremos historicamente a juventude e adolescência, buscando compreender a formação do estigma associado aos jovens em conflito com a lei ou usuários de drogas, evidenciado no protagonista. Posteriormente concentrará na descrição detalhada do ambiente manicomial, incluindo seu funcionamento geral, divisões internas, dinâmica de poder e a perspectiva dos personagens envolvidos. Exploraremos, através do filme, as possibilidades de uma visão de dentro da instituição, permitindo questionamentos sobre métodos de tratamento utilizados e a visão do assunto na atualidade. Esta identificação será realizada a partir de um conceito de relações de poder e discursos embasado nas obras de Foucault e em estudos sobre a história do tempo presente.

Palavras-chave: Saúde Mental. Juventude. Cinema. Relações de Poder.

ABSTRACT

In this work, we will address the exposition of the young transgressor, exploring his youth, desires, customs, habits, and frustrations, as well as examining his social relationships with family and friends. We will then contextualize historically youth and adolescence, seeking to understand the formation of the stigma associated with young people in conflict with the law or drug users, evidenced in the protagonist. Later, we will focus on the detailed description of the mental institution's environment, including its general functioning, internal divisions, power dynamics, and the perspective of the characters involved. We will explore, through the movie, the possibilities of a view from inside the institution, allowing questioning of treatment methods used and the current understanding of the subject. This identification will be carried out based on a concept of power relations and discourses based on the works of Foucault and studies on the history of the present time.

Keywords: Mental Health. Youth. Cinema. Power Relations.

¹ Graduando em História na
mail: darochaarthur81@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como intuito fazer um breve mapeamento das principais reflexões éticas e sociais a respeito da situação manicomial e uso de drogas no Brasil nos anos 1970/80 baseado em uma análise fílmica. É importante salientar sobre o crescimento dos estudos sociais no curso de História nos últimos anos. Entretanto, o tema em específico, principalmente referente às questões psicológicas abordadas nesse artigo, pouco se é visto no campo. Portanto, foi necessário realizar um estudo aprofundado de forma interdisciplinar, pois além da História foram englobadas disciplinas como Sociologia, Filosofia e Direito, articulando-as a para um melhor estudo desta pesquisa apresentada usando como fonte principal o cinema (Barros, 2008). Problematisa-se como foi construída a imagem do jovem usuário de drogas no Brasil dos anos 1970-1980 por meio de uma leitura do filme de longa-metragem *Bicho de Sete Cabeças*.

Abordarei a partir da perspectiva de um passado recente, especialmente quando comparado à abordagem histórica convencional. Nesse contexto, examinarei como as soluções psiquiátricas apresentadas no filme se relacionam com a realidade do personagem, considerando tanto a reflexão contemporânea da sociedade quanto as possíveis críticas que podem ser direcionadas a essas representações. Além disso, irei explorar como essa análise proporciona uma nova perspectiva sobre o tema nos dias atuais. Para isso, realizarei uma análise detalhada da decupagem fílmica, incluindo elementos como a narrativa, os planos cinematográficos, as sequências de cena e as técnicas de filmagem empregadas (Napolitano, 2005).

Na primeira seção, será contextualizada a exposição do protagonista, sua situação como jovem (desejos, costumes, hábitos e frustrações) e suas relações sociais (família e amigos), compactuando tanto para o uso de drogas como para normalização de sua colocação num espaço de manicômio. Em seguida faremos um diálogo com a produção histórica sobre a juventude e adolescência para compreender como foi criado esse estigma relacionado ao jovem em conflito com a lei ou usuário de drogas, presente no protagonista.

A segunda seção será dedicada a esquematizar e conseguir conhecer o espaço manicomial, funcionamento no geral, divisões internas, relações de poder ali vigentes e como os personagens em questão se veem, se relacionam. Trata-se de pensar, a partir das imagens, sobre as possibilidades de um olhar de dentro da situação institucional. A partir daí podemos questionar esses meios de tratamento atualmente já substituídos por outras maneiras, de certa forma menos danosas ao paciente, mas que nos anos 1970-80 ainda eram vigentes e cientificamente justificados.

Antes de adentrarmos no desenvolvimento deste estudo, é relevante considerar a motivação por trás de sua realização. Minha trajetória acadêmica foi permeada por incertezas, especialmente ao enfrentar o desafio árduo de equilibrar estudo e trabalho. O ponto crucial surgiu próximo ao término do curso, quando me deparei com uma

disciplina optativa sobre ética e estética. Esse recém-despertado interesse, juntamente com minha vontade de explorar um aspecto até então negligenciado, foi estimulado pelo Professor José Junior, posteriormente tornando-se meu orientador nesta pesquisa. Agora, minha experiência pessoal se entrelaça ao estudo, proporcionando uma abordagem mais aprofundada sobre as questões éticas no âmbito do tratamento psiquiátrico.

Nesse sentido, diante da imensa questão social que envolve o assunto de juventude, drogas e criminalização, delimito como objeto de estudo deste texto a institucionalização do jovem usuário de drogas em espaço manicomial por meio do filme *Bicho de 7 cabeças* (Brasil, 2001). Compreender os espaços sociais é complexo, devido à construção desigual da sociedade brasileira. Ao longo da história, essa formação se desenvolveu articulando fatores como economia, cultura etc., algo que se vê através de pesquisas sociais que se empenham em mostrar e problematizar as forças que organizam as desigualdades sociais e a ingerência disso em relação aos jovens, por exemplo. Diante disso, a escrita se torna necessária para entender a relevância histórica do objeto de pesquisa.

O filme estreou no ano de 2001, dirigido por Laís Bodanzky. Filha de pai igualmente cineasta Jorge Bodanzky, Laís também é produtora, roteirista e dona de uma extensa lista de filmes premiados. Este em questão é um deles, vencedor de nove prêmios no 33º Festival de Brasília e mais nove no 5º e 6º Festival de Recife, no Grande Prêmio do Cinema Brasileiro da Academia Brasileira de Cinema (ACA), além de diversos prêmios internacionais na França, Colômbia, Itália e América Latina. O filme possui 84 minutos de duração, do gênero drama, produzido por Buriti Filmes, Gullane,

Dezenove Som e Imagens e Fábrica Cinema e tem como produtores Sara Silveira, Caio Gullane, Fabiano Gullane, Laís Bodanzky, Marco Müller. Seu Roteiro foi feito por Luiz Bolognesi, também participante do grupo de produtores da obra.

Importante também salientar seu elenco muito rico e de vários nomes famosos como Cássia Kiss, Caco Ciocler, Rodrigo Santoro (protagonista), Gero Camilo, Jairo Mattos, Linneu Dias, Luís Miranda, Marcos Cesana, Othon Bastos, Valéria Alencar e Altair Lima, que infelizmente veio a falecer no ano seguinte a estreia do filme. Possui uma igualmente premiada e evidente trilha sonora com Arnaldo Antunes, André Abujamra e Geraldo Azevedo. O filme foi inspirado no livro *Canto dos Malditos* (1993) uma autobiografia do Austregésilo Carrano, integrante do movimento antimanicomial e escritor brasileiro.

Vale apontar o contexto histórico em que o filme foi escrito, no início dos anos 2000, numa forte retomada cultural após os governos ditatoriais e de direita, esse incentivo veio se consolidar anos antes, com a criação da Lei nº 8.313, habitualmente chamada de Lei Rouanet, que procede a Lei 7505 de 2 de julho de 1986, também conhecida como Lei Sarney. A Lei de Incentivo à Cultura criada em 23 de dezembro de 1991, autorizando produtores a possuir financiamento para investidas culturais na

relação público-privado, contou com o empenho do então Secretário da Cultura em São Paulo, Sergio Paulo Rouanet. Esta lei foi sancionada por Fernando Collor.

Numa breve sinopse, o filme conta a história de Austry, um jovem comum que no ápice da sua adolescência faz, na maioria das vezes, aquilo que os seus pais discordam. A “rebeldia característica da juventude”, no caso de Neto, suas “más companhias”, seus locais frequentados e o uso de drogas são o mote da trama. Na visão de seus pais, aquela situação pareceria um caso grave, colocando a ordem familiar em perigo. Assim, para resolver esse problema, decidem interna-lo em um manicômio para que possa melhorar e largar o possível vício de drogas.

Esta pesquisa insere-se, em termos historiográficos e metodológicos, no campo da história do tempo presente. Esta é uma abordagem que ganhou destaque nas últimas décadas, sendo impulsionada pela consciência de que os eventos contemporâneos têm implicações significativas na compreensão do passado e na formação do futuro. Foi gestada na França pelo Instituto Histórico do Tempo Presente (IHTP), criado em 1978 sob a direção de François Bédarida. Essa abordagem tem como desafio o tradicionalismo historiográfico, a restrição ao passado distante e permite que os historiadores explorem questões e temas que continuam a moldar o mundo em que vivemos, como citado por Ferreira (2018, p. 85):

Essas transformações ocorridas na pesquisa histórica (em especial na França) trouxeram um grande dinamismo e renovação para o campo disciplinar na história [...] Todas essas mudanças criaram um espaço novo para o estudo dos períodos recentes começando a abalar as antigas resistências (Ferreira, 2018, p. 85).

Ser um historiador do tempo presente é arriscado. Ser agente da história apresentada e vivenciar a mesma constituem um desafio, para manter principalmente uma desejada e limitada imparcialidade nos fatos apresentados e escolhidos na pesquisa. Vale ressaltar que a história do tempo presente não substitui outras abordagens históricas, mas sim complementa e enriquece o campo da história, proporcionando uma visão mais abrangente dos fatos recentes, mapeando seus impasses éticos, políticos e epistemológicos. Essa abordagem pode variar de acordo com o contexto e os historiadores envolvidos, mas segundo Motta (2012), para os franceses, pioneiros do estudo, geralmente abrange eventos a partir do final do século XX (após a Segunda Guerra Mundial) até os dias atuais. No Brasil, por sua vez, é possível afirmar os estudos de história do tempo presente consideram como marco cronológico formal, por assim dizer, início da Ditadura Militar (1964-1985) e suas nuances.

2 CONSTRUINDO O PERFIL DO JOVEM INSTITUCIONALIZADO NO MANICÔMIO: A RELAÇÃO FAMILIAR E AS DROGAS NA CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE JUVENIL

O filme *Bicho de Sete Cabeças* vem a nos mostrar uma realidade social ainda muito atual. Como se trata da adaptação de uma vivência narrada, é bem nítida a maestria de Bodanzky ao contar a história de Austregésilo Bueno, trazendo de forma explícita e dramática a sua trajetória de institucionalização e sua relação familiar, chamando atenção e comoção do espectador. Na comparação entre a autobiografia e o filme, pode-se ver que a adaptação mobilizou semelhanças, ajustes e também divergências. Mas é justo dizer que não há como ser igual, pois os materiais têm naturezas discursivas distintas. Em termos de análise fílmica, cabe ponderar que a narrativa contada sofisticou e trabalhou na forma da imagem uma série de aspectos que a narrativa escrita não poderia fornecer.

A história se passa em Curitiba, na década de 1970, em um Brasil ainda muito influenciado pela Ditadura Militar (1964-1985). De cultura majoritariamente conservadora, um jovem de apenas 17 anos, Netinho (Rodrigo Santoro), carrega consigo o estigma de rebelde. Foi apresentado na película como um jovem com muitas ideias na cabeça e uma identidade ainda confusa, em construção e moldada por seus grupos, relações e aventuras, típico momento adolescente. Interessado em novas experiências, ele busca novos caminhos, conhecendo o mundo em que acabara de chegar.

Vivendo com seus pais, na característica família tradicional brasileira da época - uma mãe passiva que ama seu filho, mas sem voz ativa (Cassia Kiss), e um pai autoritário e preconceituoso, com a necessidade de manter as aparências (Othon Bastos), a história do protagonista logo apresenta uma série de conflitos de ordem relacional. Nesse contexto familiar, há um embate entre Neto e seu pai, pois ambos são muito diferentes, representando um verdadeiro choque de gerações. A narrativa é construída a partir dessa circunstância, onde o protagonista, usuário de maconha, liberal, moderno e descolado, sai com seus amigos, curte a noite e é amante da adrenalina. Em contrapartida, seu pai é tradicional, cauteloso e sempre prudente ao que seus olhos podem controlar. Ou seja, o pai representa imagetivamente tudo aquilo que um jovem como Netinho abominaria.

Já em um discurso da psicologia, para Wallon de acordo com Dantas (1992), nessa etapa do estado da adolescência/juventude é um estágio bastante afetivo, o jovem se reaproxima da sua necessidade de aceitação, atrelada a um veículo de práticas sociais, os grupos. Sente-se atraído pelo desconhecido, valorizando aspectos como o risco e a rebeldia, diferenciando-se o máximo possível dos pais na construção de sua identidade. O processo de construção da identidade juvenil se dá por meio de processos sempre relacionais, sendo a identidade o resultado de um conjunto de práticas e comportamentos, e não uma essência forada história. Neste sentido, para Groppo (2017), a construção social da juventude varia com as alternâncias históricas e de tempo, mas apesar dessas distinções a sociedade atribui papéis e expectativas ao jovem de forma desigual e uniforme. Muitas vezes acaba-se desconsiderando o espaço social onde ele está inserido, a sua cidade, sua região, suas experiências com o externo e principalmente o interno. Participam dessa construção identitária a própria

categoria de gênero, materializando na definição de características e comportamentos, a exemplo de como deve andar ou com quem deve estar. A partir disso passa-se a categorizar se “essa pessoa é de boa índole” ou “aqui não é lugar de mulher”. Outros fatores como classe social e raça/etnia também participam da construção das identidades juvenis. Assim, é importante ressaltar a necessidade de entender a juventude a partir de suas identidades, moldadas em base de vastas pluralidades, seja pela moda, música, dança, linguagem e suas várias expressões culturais.

É neste sentido que Groppo afirma que “a sociologia da juventude considera que toda categoria etária, como é a juventude, nasce da interpretação e resignificação sociocultural das transformações biopsicológicas do curso da vida” (Groppo, 2017, p. 15). Dessa forma, tanto na estrutura macro (analisando a sociedade, generalizado o indivíduo como parte de um todo) e numa perspectiva micro (colocando indivíduo como centro da pesquisa) é possível identificar, devido a essa cobrança de uma maturidade precoce, a formação de “grupos” entre os adolescentes e jovens numa forma de sociedade buscando aceitação entre si. Quem seria melhor para entender suas necessidades do que alguém semelhante? Nesse entendimento, temos margem para a “boa” ou “má” “influência social”, algo relacionado não somente com os jovens, inclusive. No caso dos jovens, em particular, a demanda por aceitação no processo inicial de socialização apresenta características específicas, como sugere Wallon.

Ao analisar o filme foram escolhidas algumas cenas que serão exploradas para melhor entender o tema abordado e o personagem principal. Analisa-se como foi construído o perfil de viciado visto em termos sociais e familiares. Problematisa-se como a descoberta do uso de drogas emerge no filme como estopim do processo de internação em manicômio, visando que ele seja “curado”.

Na reunião inicial do “foto” (local nomeado pelo personagem principal e seus colegas onde se juntavam para conversar, usar drogas, beber e curtir) entre Neto e seus dois amigos, é possível detectar pontos a serem levantados. A sequência se inicia no minuto 03:50 e se finaliza ao minuto 04:38. O cenário é anárquico, pedaços de madeira empilhados por todo local, as paredes pichadas, um pneu jogado ao chão dando um aspecto de casa abandonada.

A paleta de cores utilizadas são cores frias para associar as imagináveis realidades e consequências do uso de drogas, já as cores quentes presentes se assimilam com a euforia e o prazer dos entorpecentes ali presentes. Logo de cara a câmera fechada foca no cigarro de maconha sendo tragado (possivelmente mostrando que aquela cena seria focada na liberdade que o ambiente trazia a todos) cortando para o próximo quadro com o amigo 1 de Neto numa câmera mais aberta focando em seu braço segurando o “baseado” e entregando para o amigo 2 Enquanto isso o protagonista está escrevendo numa tábua velha algum tipo de pichação (mostrada futuramente em outra cena) ou frase. Todos estão desinibidos e relaxados,

num momento informal entre o grupo. Continuando quadro o Amigo 2 se levanta, pega o cigarro e começa a questionar e organizar a excursão para a praia (Rio de Janeiro).

Numa câmera a mão mostra o Amigo 1 se levantando e indo para o fundo do local passando a visão para a esquerda focando no Amigo 2 que continua falando sobre a viagem. Um novo corte para o cigarro sendo tragado numa câmera fechada, seguindo de Amigo 1 falando sobre a personagem Bel de forma negativa sobre sua presença, passando para mais um corte dessa vez apenas na fumaça entre os dedos de um deles conduzindo a uma câmera fechada no rosto do Amigo 1, mostrando suas feições de negação em relação a sua ida no passeio. Voltando a Neto, confirmando sua presença com a voz abafada, resultado de uma tragada mais forte, nesse momento percebe que passou muito tempo ali e precisaria encontrar seu pai. Nesse momento se agita e seu amigo (sabendo da circunstância) passa a tirar sarro do nervosismo do protagonista. Uma câmera em movimento mostra Neto correndo atrás de seu amigo e segurando ele pelo braço. Ao olhar a hora ainda numa câmera em movimento, Neto sai correndo apressado com a seguinte frase de seu amigo: “Vai sair com o papaizinho louco assim, vai?” E assim a cena finaliza.

Nesse contexto é possível identificar alguns discursos, seja da sociedade a respeito do uso de drogas ou também do conservadorismo familiar presente na época que os personagens estavam. É interessante o contraste que a diretora faz à cena anterior, como a crítica é bem direta, antes da cena citada, a mãe do protagonista jogando um cigarro dentro de um copo, de forma natural, corriqueira, algo que está tão presente no dia a dia. Isso demonstra como a própria definição de “droga” é histórica e contingente. Em contrapartida, os jovens unem-se em um local abandonado para poder fumar às escondidas e sob o medo de serem descobertos pelos pais. É curioso que durante o filme não se mostra um motivo específico para o uso de maconha pelo protagonista, o que sugeriria cair no esquema de buscar uma “causa” do desajuste. Todavia, podem-se identificar padrões comportamentais dentre os jovens, podendo vir de uma influência de amizades e uma necessidade de ser aceito entre o seu grupo de amigos ou até mesmo uma aversão à forma de ser de seus pais, presente na rebeldia.

Seguindo para cena seguinte temos o diálogo entre Neto e seu pai, dentro do carro. Iniciada ao minuto 04:40 e finalizada em 06:06, num diálogo informal o protagonista e seu pai falam sobre futebol. Trata-se de uma cena em movimento, com plano aberto para mostrá-los no ambiente e alternando com planos fechados para mostrar com mais enfoque os personagens e suas expressões e reações. É visível a alteração psicológica e física de Netinho, que está de óculos escuros para disfarçar seus olhos, possivelmente avermelhados em função do uso da maconha, mexendo no jornal de forma desastrada, atrapalhada até em excesso. Durante o diálogo uma câmera fechada na boca de seu pai busca criar o efeito de lentidão, mostrando os lábios mexendo-se devagar em meio a um palavrório que ele não entende muito bem. O efeito sonoro contribui para indicar o desfoque mental provocado pelo efeito da droga. O pai reclama da sua confusão com o jornal e tenta pegá-lo corretamente.

Nesse momento retira seus óculos escuros para procurar no banco de trás, focando em seu rosto relaxado. Ao retornar com as notícias de futebol percebe os óculos levantado e rapidamente abaixa para que seu pai não perceba sua situação, retornando ao pai. Por sua vez, o pai questiona se Neto havia bebido, com um leve sorriso. O jovem, nervoso, nega prontamente o uso de álcool e a câmera volta ao pai que agora está assoviando. Vira o rosto, olha ao redor e grita: “SANTOS!” (seu time de coração), provocando ou concordando com algum pedestre, solta uma gargalhada e a cena é encerrada.

Bodanzky nessa cena mostra uma nova contestação social. Seu Wilson, pai de Neto, normaliza seu filho ingerindo álcool. Sua facilidade de falar sobre o assunto demonstra a aceitação ao pensar que o consumo de álcool não ocasionaria nenhum tipo de problema familiar ou social. Havia até mesmo certo orgulho contido no uso do álcool por significar certa inserção em um circuito social mais adulto e masculino. Além disso, sua ansiedade demonstrada ao querer saber o resultado do jogo, junto ao entusiasmo ao gritar por seu time, traz ao espectador a mensagem que certos vícios não são um problema, principalmente nos anos 70. As críticas às drogas são sempre presentes, o discurso antidrogas possui várias ramificações de preconceitos em sua forma de ser perpassada, seja por uma fala, ação ou ideologia contrária. Esse discurso é nocivo, mata e segrega classes e raças quando se busca a origem histórica do porque existe essa aversão à maconha.

Como explicado por Weisheimer e Kieling (2013), a juventude é um processo transitório, entre fronteiras demarcadas tanto pela vida adulta, quanto pela sociedade. Da biologia à cultura emerge a juventude como construção biopsicossocial, sendo muitas vezes antecipada ou adiada de acordo com as relações sociais do indivíduo. Nessa transição de gerações, historicamente essa visão de juventude foi se moldando a partir das mudanças temporais. É possível afirmar delimitações criadas para separar o jovem da vida adulta por direitos e deveres.

Na discrepância visível de gerações na família do filme podemos perceber tais demandas. Pai e filho são diferentes e essa diferença é tanto etária como ideológica. Em uma constante pressão para ser o “filho exemplar” o personagem Neto se conflita constantemente com seu pai. Entretanto, no caso do uso álcool, seria um momento em que seu pai, ao invés de adverti-lo, sorri, mostrando um certo orgulho, o que mostra as ambivalências e contradições nessa relação intergeracional, envolvendo valores diversos.

Em um momento de extrema importância para o desenvolvimento da trama, inicia-se o terceiro momento a ser discutido, dividido em duas cenas. Entre 19:38 e 20:31 a história se encaminha para o seu primeiro ponto de desenvolvimento, num plano aberto, visto de baixo Neto entra em casa agitado, provavelmente irritado pelo que passou recentemente ao ser detido por estar pichando muros, sendo reclamado por seu pai. Está bastante chateado pelo seu atraso e descaso e nessa sequência a câmera se move para o lado trazendo a indiferença de Neto ao que estava sendo dito,

jogando sua camisa ao chão, entrando no quarto batendo a porta e ficando em silêncio. O pai, ao retirar as coisas do protagonista do chão, encontra um cigarro de maconha. Em um plano fechado mostra-se a reação nervosa do pai, não entendendo bem do que se tratava ali.

Passando para outra cena, dentro do carro, cores quentes para determinar as emoções ali presentes. Pai, mãe e filha, dentro do automóvel num impasse, seu amado filho/irmão foi descoberto ser um drogado. A mãe, em silêncio profundo e num aspecto de desapontamento e tristeza, não se envolve na conversa, sendo sempre submissa à voz do marido. Seu Wilson, nervoso, balançando seus braços e visivelmente alterado, busca uma solução para aquele problema, e em certo momento diz: “Depois todo mundo fica falando, chamando meu filho de maconheiro, maconheiro, maconheiro”. A discussão prossegue e a cena é finalizada com um corte rápido após a aproximação rápida da câmera dando a entender que aquela conversação iria seguir por bastante tempo.

Após a descrição acima é perceptível a hierarquia familiar presente no discurso conservador de família. Entre Neto (não presente), seu pai e sua irmã há um choque de três gerações diferentes. Durante o bate-papo em nenhum momento se é citado sobre o estado que estava o personagem principal do filme. O mais importante ali não era entender suas demandas, mas sim impedir que esse caos fosse visível a terceiros, pois a sociedade não deveria saber.

Sobre as relações entre distintas gerações, Weisheimer (2013, p. 65) afirma que “os jovens, como parte dos ‘recursos latentes’ de que se dispõem as sociedades, aparecem como grupo estratégico não apenas na reprodução das relações sociais, mas também para a sua transformação”. Na fala citada de seu Wilson, pode-se identificar a preocupação da imagem familiar que deveria se manter. Analisando historicamente é possível imaginar a relação dessa preocupação com a ainda vigente ditadura militar instaurada em 1964, marcada por perseguições ideológicas, censura das mídias e também um forte impacto social e moral. A sociedade brasileira estava marcada pelo medo e pela autocensura, se regulando a cada passo dado.

Após a internação houve a primeira visita familiar. Aí houve um diálogo relevante para reforçar essa relação possível com o regime. Ocorre que embora possa soar forçosa essa articulação entre a família e o regime militar, pode-se pensa-la na medida em que o regime instituído em 1964 se baseou no lema “Deus, pátria e família”, ancorado em uma versão conservadora dessa tríade.

Iniciado entre 42:04 até 42:17, nesse momento há uma predominância de cores frias, mostrando o sentimento de melancolia, tristeza, o mau humor e revolta do personagem principal na situação em que estava inserido. O quadro escolhido está presente em uma briga entre Neto e seu pai, um plano médio, com foco no rosto enfurecido do protagonista, e de sua mãe tentando tranquilizá-lo, passando a mão em seus cabelos. Ao fundo, outros internos com suas famílias e surge então a fala de Neto, marcada por revolta em relação ao médico: “Esse cara é um filho da puta, isso

sim! Ele não me examinou para saber se sou viciado e tá me entupindo de droga.” Em um close, a mão desliza até o rosto de seu pai nervoso, que grita “DROGA NÃO!”, enquanto olha para trás, como se verificasse se alguma outra família ou enfermeiro havia ouvido, afirma asperamente: “REMÉDIO!”. Depois disso um novo olhar de vigilância se instaura.

A relação de Neto e seu pai é o centro problemático do filme, mostrando a pressão social sobre a família e como os problemas que vão aparecendo no decorrer da história são ignorados, esquecidos ou “cobertos por panos”. Não há em nenhum momento uma tentativa de resolução. Nessa falta de empatia entre os personagens colaborando ao silêncio na casa faz com que a história se desenvolva ao ponto da trágica situação que o protagonista é inserido. Dessa forma é possível afirmar a ausência de responsabilidade entre os membros e a escassez de comunicação, o que se configura como reflexo de uma pressão social que determina as ações do particular.

Nessa seção, foi mostrado o desenvolvimento pessoal e social do personagem. Abordou-se como a discrepância geracional afeta a relação entre os integrantes familiares, demonstrando problemas que são possíveis identificar entre várias famílias e jovens na sociedade brasileira. Até a atualidade, tratar temas como o uso de drogas ainda é uma questão de difícil contato. É possível afirmar que quando um assunto é tratado em silêncio, a dificuldade de resolvê-lo será maior. Apesar das políticas públicas, o privado ainda é o maior meio de construção social, e é a partir desse meio que a comunidade, de um modo geral, é formada.

Na próxima seção, será explorado o processo de internalização de Neto e sua jornada em meio ao espaço que foi inserido. Será explicado como o personagem entra numa transformação pessoal e psicológica a partir da experiência vivida em um hospital psiquiátrico e suas divisões internas, além do processo de desenvolvimento sobre saúde mental com base da abordagem de novas cenas do filme.

3 CONSTRUINDO O ESPAÇO DA INSTITUCIONALIZAÇÃO: A ANÁLISE DO AMBIENTE DO MANICÔMIO, SUAS CARACTERÍSTICAS E FUNCIONAMENTO

Os manicômios são instituições que historicamente são atreladas à violência e à negação dos direitos humanos, numa forma de desumanização do indivíduo que o submete a tratamentos degradantes. Sendo possível pensar que a desinstitucionalização da saúde mental é um processo que busca substituir o modelo manicomial a um modelo alternativo de tratamento mais humanizado.

Nesse contexto, o filme *Bicho de Sete Cabeças* entra como uma crítica sobre esses espaços, mostrando a relação de poder entre os personagens da obra e os meios utilizados para que esse poder seja validado. O filme nos mostra como outros pacientes e Neto, nosso protagonista da película, foram submetidos a diversos tratamentos de eletrochoque, medicação em excesso, isolamento etc. Mostra como o sistema de saúde do manicômio é disfuncional e os métodos são mais próximos de maus-tratos do que uma cura. Essas experiências são responsáveis pelo

desenvolvimento de várias sequelas que até então o jovem não possuiria, moldado um “novo Neto”, mais revoltado e triste. Sua subjetividade passou a ser construída a partir de outros elementos, tais como a depressão e ansiedade. Estes dois aspectos aparecem em algumas das cenas após o retorno dele para casa e para o convívio social.

Segundo Foucault (1961), a criação de clínicas psiquiátricas entre o século XVII e início do século XIX representou a tentativa de lidar com a loucura de maneira científica, diferente do que se abordava esse tema nos recortes anteriores. Com a Revolução Francesa (1789-1799) e os ideais iluministas é constituída uma nova forma de pensar a respeito da sociedade. A Europa nesse contexto e, principalmente, a França estaria saindo de uma política absolutista, marcada pelo poder no rei, em apoio de uma igreja detentora do poder e do juízo sobre certo e errado. Nesse período, Foucault nos mostra a noção de como a Europa medieval tratava a loucura, destacando como uma possível manifestação religiosa, aproximando esse status mental como algo especificamente “estar longe do divino”. Na Idade Média, para curar o louco seria preciso uma peregrinação religiosa, onde o aproximaria da sua espiritualidade. Na Idade Clássica a loucura é vista de outra forma, se enxergava o problema, mas ainda não se sabia como curá-lo ou realizar um tratamento correto sobre aquele indivíduo. A sociedade passou a isolar e controlar o insano, uma tentativa de contenção do indivíduo, mas exclusivamente com o intuito de manter a ordem e controle sobre uma sociedade ainda marcada por mudanças drásticas e “problemas maiores”. O louco nesse período seria um escândalo e ao separá-lo da sociedade o poder absoluto era aplicado nas casas, nenhum pouco clínico, mas em um universo de repressão e tirania.

Foucault nos mostra que a loucura não é algo somente patológico, aspectos culturais, sociais e relações de poder no geral implicam na formação da loucura apresentada como “doença mental” e que existem diversos meios a chegar nesse fim. No filme conseguimos identificar o meio em que Neto estaria inserido, a sua relação com seus amigos e, principalmente, com seus pais. Estes são fatores determinantes na sua internação, apesar de súbita. Se fizermos uma análise social do pai e da família do jovem, sem cometermos anacronismo, é possível identificar o perfil de sociedade que eles estavam inseridos e como esse comportamento incorreto do seu Wilson e como os outros personagens foram abordados no filme. Dito isto, serão analisadas algumas das cenas em que o protagonista esteve inserido no manicômio e uma delas sobre sua vida após estar livre. Assim, podemos analisar as relações de poder no espaço manicomial e como o ser humano inserido nesse meio adquire marcas profundas na sua mente gerando um falta dessa saúde mental.

No seu primeiro dia no manicômio, Neto logo foi apresentado a Ceará, um interno bem agitado, possivelmente reflexo de questões mentais próprias ou de tratamentos utilizados. Depois, ao sair para o pátio, conheceu Rogério, um veterano dentro do manicômio. Esse, por sua vez, aparenta estar acostumado com o processo de internação, adquirindo seus próprios meios de lidar com a situação.

Ao início do momento durante o minuto 29:30 Neto se senta no chão juntamente com o Rogério, em cores frias, predominante a tons de azul, enfatizando a melancolia e tristeza do protagonista. Com um semblante de tristeza e preocupação sobre a história de seu colega, Netinho questiona sobre fugir do manicômio, sendo advertido por Rogério sobre a impossibilidade disso. A cena se passa num plano médio, mostrando também Ceará, que brinca bem próximo dali, possibilitando ver perfis variados naquele espaço institucional no qual as diferenças eram suprimidas.

Indignado com a fala de Rogério, o protagonista se revolta com o médico. Nesse momento o interno o adverte do tratamento que Neto teria caso seguisse com a rebeldia. A câmera em movimento vai a Ceará que simula a reação do corpo a injeção com olhos esbugalhados, língua para fora e com tremedeira. A câmera volta aos dois do diálogo com Rogério comparando que o excesso disso tornaria Neto semelhante aos internos mais afetados e a câmera corta novamente para um dos insanos em um estado de passividade. Aparece ainda um segundo interno sentado olhando para os lados e ao lado deste um homem nu, enquanto outros andavam no pátio, outros sentados com sua medicação. Outros andam sem rumo e em silêncio ou parados e perdidos na sua própria existência, sem voz e sem possibilidade de sair daquele contexto. Nesse momento, cantada por um dos internos, inicia a música de Dorival Caymmi – Quem vem pra beira do mar que parece funcionar ali como uma crítica à situação que os indivíduos estavam. A letra diz assim: “Quem vem pra beira da praia meu bem, não volta nunca mais... andei por andar andei, todo caminho deu pro mar” (Caymmi, 1959).

Fazendo agora uma relação entre cena e música conseguimos passar a entender que o isolamento ao mundo externo e também até mesmo a reintegração desses indivíduos na sociedade consiste em um problema contínuo. Naquele espaço manicomial o indivíduo entra num processo de regressão ao invés da cura, pois os métodos utilizados colaboram com a valorização da condição mental do insano. Entretanto, mesmo reintegrado à sociedade ainda irão persistir muitas marcas desse processo institucional. Podemos colocar apenas uma troca de relações de poder, saindo de um vínculo paciente/médico passando para cidadão/sociedade, mas nesse contexto um cidadão nessas circunstâncias após a internação estaria “despreparado”. Isso, por sua vez, acarretaria em processos diversos como a falta de emprego, preconceitos a respeito de sua condição anterior e uma falta de apoio tanto dos amigos quanto da família.

No minuto 48:40 irá iniciar nossa próxima análise, finalizando no minuto 50:35, uma cena longa, mas de tamanha importância para se identificar a situação do protagonista durante sua internação e sua condição aos processos de tratamento utilizados. Após sua tentativa de fuga sem sucesso, Neto é colocado num quarto isolado dos outros internos. Logo de cara uma câmera fechada em seu rosto se movendo para os lados enquanto mostra fielmente as sensações de ansiedade e desespero no rosto do personagem, aterrorizado com o que podia vir. Nesse mesmo momento, um barulho do girar das rodinhas da maca e do aparelho de choque que

viria junto, Bodanzky atende perfeitamente o suspense da cena. O quarto escuro com apenas Neto e seus pensamentos de desespero, ofegante e paranoico, numa transição entre a aproximação dos enfermeiros e o médico que iria trazer aquilo que ele temia: o choque.

Numa conversa entre os enfermeiros a câmera aproxima uma prancheta que seria a ficha de Wilson de Souza Neto, nosso protagonista. Interessante colocar a crítica da diretora a esse trecho, não importa qual a sua origem da internação, o tratamento é único para todos, seja de um quadro grave de doença mental ao uso de maconha. Adentrando a sala, os enfermeiros agarram a força o protagonista enquanto para ser preparado para o choque, Neto, ofegante e Nervoso é amordaçado e logo vem a carga. Agora num ângulo de câmera entre os enfermeiros que o seguram, as mãos do médico com o aparelho na sua cabeça e o rosto e tronco do personagem mostrando sua dor enquanto se debate até desmaiar. A câmera aproxima-se bastante do seu rosto, em close, e ele aparece desacordado. Para demonstrar os efeitos subjetivos desse tratamento, mostra-se como o trauma se instaura em sua mente por meio de flashes de memória com as palavras de seu pai. Em seguida, a câmera em movimento mostra Neto sendo levado, desmaiado.

Observa-se então a utilização de força em métodos utilizados para o tratamento dos internos. Além do eletrochoque citado na cena, o personagem Rogério cita uma injeção que também causaria efeitos convulsivos semelhantes. Entretanto existiam outros métodos citados por Guimarães et. al (2013) como insulinoaterapia para tratar esquizofrenia, mas logo entrou em desuso quando os resultados na maioria das vezes eram temporários. Também a camisa de contenção, mais conhecida como camisa de força, se mostrava problemática, pois poderia causar ferimentos e acidentes no paciente em razão da falta de mobilidade. Além disso, não funcionava bem para os casos de pacientes agressivos, pois deixava as pernas livres. Nos agressivos também era comum os cubículos, locais totalmente fechados com apenas uma abertura para passar água ou alimentos, mas com total controle dos funcionários. Ali os insanos eram colocados por dias a fio e ao sair a não tinha noção espacial e temporal. Tratava-se, de forma geral, de tratamentos desumanizantes e de poder absoluto do tratador sobre o paciente. Isso deu margem a diversas formas de abuso de poder, de forma que tudo seria legitimado até que houvesse mudanças significativas a respeito da saúde mental ao fim do século XX.

Finalmente livre da sua internação, após suplicar a seu pai que fosse retirado dali, num diálogo ainda dentro do manicômio, Neto apresenta diversas dificuldades de readaptação a sua antiga vida. Pode-se ver isso na sua cena em casa logo após seu retorno entre 52:43 e 54:25 e, posteriormente, no diálogo que tem com seu amigo, presente na época de curtição antes da internação, entre 56:09 e 57:15. Logo ao iniciar uma cena forte, uma câmera fechada no rosto de Neto aparece apático, em silêncio dentro de seu quarto, ainda visivelmente afetado do seu trauma da internação e tratamentos aplicados. Porém vale salientar o jogo de fotografia desse início de ato do filme. As cores, a partir de agora se tornam novamente quentes, com tons mais

claros. Isso funciona para demonstrar a transição dos sentimentos do personagem, pois apesar da melancolia do momento, o protagonista saiu do cárcere.

No ápice de sua confusão, Neto se encontra ainda muito próximo do que vivia no manicômio. Isolado em sua própria mente, em seu recanto de dor e sofrimento, pouco interage, pouco se alimenta e ainda tem sequelas do que havia passado. Vários cortes de imagem, com sua mãe, pai e ele mesmo o apresentam parado em seu quarto apenas em silêncio enquanto ouvimos “E só”, de Arnaldo Antunes, reforçando a ideia do que Bodanzky queria trazer: um retrato da solidão do protagonista. Sua mãe inicia um diálogo de negação, não consegue reconhecer o status de seu filho, tentando o incentivar a uma nova vida, mais ativa. Para isso, estimula a prática dos estudos e do trabalho, mas Neto se nega a isso em razão de sua debilidade.

A mãe sai de cena e Wilson o adverte: “filho, você não pode fazer isso com sua mãe, ela está com pressão alta e tomando remédio pros nervos”. Identifiquemos a crítica de Bodanzky, nos anos 70 (recorte temporal do filme), à saúde mental. Assim, para sociedade a condição de Neto deveria ser desconsiderada em função da saúde de sua mãe. Além disso, havia o estigma do machismo sobre o próprio homem, que deveria demonstrar força o tempo todo. Nesse momento Neto muda seu pensamento, levanta a cabeça com um rosto preocupado, se levanta e vai andando até sair de sua cama.

Em um segundo momento, já mais a frente do filme, Neto visita seu amigo, logo após seu trabalho, com roupas sociais, cabelo arrumado, vestido de uma forma mais adulta. Tomando algumas cervejas num momento de reencontro, mas visivelmente diferente, se vê que aquela amizade cheia de conexão, comunicativa e extrovertida não estava presente na mesa. Há silêncio durante alguns segundos, os dois personagens estavam mais acanhados e tímidos. Havia ali um contraste na mesa, pois por um lado o seu amigo ainda estava muito entusiasmado com festas e diversão, mas Neto está relutante sobre voltar a essa vida que o levou à internação. Uma possível câmera a mão se move ao lado mostrando a chegada da mãe de seu amigo, que o chama para repreendê-lo. A presença de Neto, um recém interno e “viciado”, é uma má influência.

Logo, seu filho deveria o mandar embora. Enquanto esse diálogo acontece, a câmera retorna a Neto que segue em silêncio, mas agindo normalmente. O amigo retorna e envergonhado fala a Neto que ele deveria ir e não mais voltar para a sua casa. A filmagem fecha no rosto de Neto mostrando sua chateação com a situação, que se levanta pega suas coisas e vai embora rapidamente, visivelmente injuriado.

Nesse pensamento, Perrot (2017) nos mostra como estaria então o prisioneiro para a história, destacando como as prisões não apenas isolavam fisicamente o indivíduo, mas também o afastava sociedade e da história. De maneira semelhante, o jovem, saindo de uma situação de interno, pode se sentir desconectado das oportunidades que o seu novo meio poderia dar em termos de reintegração. Além disso, vale considerar que tais discursos que patologizam e estigmatizam estiveram

articulados com desigualdades sociais mais profundas, estruturalmente vinculados a variáveis ou marcadores sociais de diferença como raça, gênero e classe social.

A partir do momento em que o véu que encobria sua condição de liberto é rompido, todos o evitam ou fogem dele; se trabalha numa oficina, os que um momento antes travam-no como camarada não toleram mais sua presença em meio a eles a não ser com impaciência e aflição; Não só não é mais seu companheiro de trabalho; como também não é mais seu igual, seu semelhante. Não haverá ordem e harmonia na oficina enquanto não tiver sido expulso (Perrot, 2017, p. 285).

Durante séculos os manicômios, também conhecidos como hospícios, asilos ou instituições psiquiátricas, foram os principais locais para inserção e tratamento de pessoas com distúrbios mentais. No entanto, a abordagem tradicional utilizada nesses espaços para abordar o louco começou a ser questionada pela sociedade. Alguns dos métodos não efetivos e um sistema obsoleto em um corpo social que já identificava visões sobre o direito do ser humano com novos olhos passou a emergir.

A reforma da saúde mental, iniciada na segunda metade do século XX foi impulsionada por preocupações recentes sobre os direitos humanos. Dizia respeito a um tratamento digno e uma integração social das pessoas com doenças mentais, contrapondo-se aos métodos anteriores a partir de uma noção humanizada do assunto. Essa mudança foi marcada por pontos políticos, teóricos e práticos. A década de 1960 testemunhou um movimento global por direitos civis e ativismo social que também impactou a saúde mental, apesar do foco voltado para questões raciais, do movimento negro, entre outros grupos de minoria que buscavam ser ouvidos e ter seus direitos. Tal processo de revisar o coletivo deu abertura a uma nova percepção das instituições psiquiátricas, lidas a partir dali como órgãos de opressão e controle.

Numa visão mais política da questão, no Brasil houve uma preocupação nesse processo de revisão do método. A partir do final dos anos 80 e meados dos anos 90 várias conferências tanto nacionais como internacionais ocorreram na América Latina (Hirdes, 2007), ressignificando os recursos que seriam utilizados para a saúde mental.

A partir desses marcos, passou-se a privilegiar a criação de serviços substitutivos ao hospital psiquiátrico, quais sejam: redes de atenção a saúde mental, Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), leitos psiquiátricos em hospitais gerais, oficinas terapêuticas, residências terapêuticas, respeitando-se as particularidades e necessidades de cada local” (Hirdes, 2007, p. 298).

Em continuidade a essa reforma referente à saúde mental, já no tempo presente, Sampaio e Bispo Júnior (2021) realizam um levantamento entre os anos de 2001 a 2016 como um marco de continuidade desses avanços. Apresentam uma regressão que perdura até o ano de 2019 em razão de uma ascensão conservadora e ultraliberal que, considerando os fatos atuais, ainda têm certa força política e social. Entre os anos iniciais várias legislações e políticas se desenvolveram como fortalecedor desse processo, a exemplo da Lei 10.216/2001 referente à reforma

psiquiátrica. Ela pode ser vista como um marco divisório na desinstitucionalizando, fechando os espaços manicomiais e fortalecendo uma reabilitação psicossocial.

Em 2003, com a Política Nacional de Saúde Mental, álcool e outras drogas e em 2006 com a Lei 11.343/2006, conhecida com Lei de Drogas, proferiu numa humanização em respeito ao usuário de drogas. Como Neto, nosso protagonista, direcionando-o medidas terapêuticas ao invés do confinamento. No ano de 2010 já havia forte influência de movimentos sociais e antimanicomiais no Brasil e no mundo, sendo responsáveis por mudanças consideráveis e uma aproximação de uma melhor condição a quem seria objeto de tais cuidados.

Entretanto mesmo com o período atual no Brasil ser marcado pelo regresso a cultura sobre a saúde mental vem ganhando cada vez mais visibilidade essa temática. De acordo com o jornal Folha de São Paulo houve um aumento de procura por estudantes brasileiros pelo curso de Psicologia de 112,4% entre os anos de 2010 e 2021. Durante e após o período de pandemia essa procura pela terapia e cuidado sobre a mente gerou um aumento considerável.

Nessa seção exploramos a transição dos manicômios para a reforma da saúde mental, considerando a crítica apresentada pelo filme Bicho de Sete Cabeças. Discutimos a desumanização nos manicômios, a dificuldade de reintegração na sociedade e as mudanças políticas e culturais relacionadas à saúde mental. Essa transição, marcada por quebra de muitos paradigmas anteriores, representa um movimento em direção a uma abordagem mais humanizada e respeitosa das questões de saúde mental e como a sociedade pode também evoluir culturalmente a respeito do tema.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, essa análise mais abrangente dos tratamentos em manicômios, contextualizados em termos históricos e sociais, permite outro modo de entendimento sobre a questão. Além disso, buscou-se lançar luz sobre as complexas realidades sociais enfrentadas pelos jovens usuários de drogas na época, explorando como esses elementos convergem e se refletem na narrativa cinematográfica. Esta abordagem visa contribuir para uma reflexão crítica sobre as práticas de saúde mental e as condições sociais que moldam as experiências individuais, promovendo uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais relacionadas à saúde mental e ao uso de substâncias psicoativas.

Visando um melhor aprendizado do tema, é importante compreender as práticas históricas de tratamento em manicômios que permitem uma reflexão crítica sobre a evolução dessas abordagens. Nisso se destaca a importância de métodos mais humanizados na saúde mental. Assim, as práticas históricas de tratamento em manicômios permitem uma reflexão crítica sobre a evolução dessas perspectivas, a relevância contínua dessas questões no cenário atual, evidenciada pelo aumento da procura por serviços de Psicologia, o que sublinha a importância contínua de abordar

e melhorar um bem-estar social. Estes aprendizados proporcionam uma base para a reflexão sobre o passado, presente e futuro das práticas de equilíbrio coletivo, incentivando uma abordagem mais informada.

Portanto, é importante refletirmos por meio do filme *Bicho de 7 Cabeças* a condição de loucura como algo muito mais amplo do que de um estado imutável. Foi possível analisar a figura do jovem usuário de drogas em suas relações e como elas podem condicionar a formação do indivíduo. Nisso foi possível descrever as tensões entre o indivíduo e o coletivo seja na família ou em seu ciclo de amizades.

O filme aborda diversas críticas a respeito do método de abordagem da loucura como doença mental, problemas psiquiátricos e uso de drogas. Temos que lembrar que é uma história narrada pelo Neto, personagem que representa Austregésilo Carrano, que viveu uma experiência ainda pior nos anos 1970. Durante séculos, o Brasil e o mundo desconheciam nomes de pessoas que vivenciaram processos semelhantes a estes. Tais figuras foram apagadas e existiram apenas em histórias não contadas e socialmente isoladas. Viveram situações de violências em instituições como os centros manicomiais que, por sua vez, foram iniciados na Idade Clássica. Somente muito tempo depois, na segunda metade do século XX, houve uma reforma da política de saúde mental ancorada na perspectiva dos direitos humanos, reconhecendo o paciente como cidadão.

À medida que exploramos as complexidades do tratamento em saúde mental à luz do filme e das práticas históricas em manicômios, emergem diversas oportunidades para pesquisas futuras. Estas sugestões de estudos adicionais buscam aprofundar ainda mais nossa compreensão e catalisar melhorias nas abordagens atuais sobre o tema em foco. Isso pode se dar através de uma análise familiar: de fato há um auxílio na reintegração de pessoas que passaram por tratamento psiquiátrico? Como essa ajuda é realizada e como ela pode afetar positiva e negativamente?

Estudar outras produções cinematográficas que abordam a saúde mental também é um caminho para compreender como essas narrativas moldam a percepção pública e influenciam políticas sobre a saúde mental. Torna-se importante também mapear como as práticas de saúde mental evoluíram ao longo do tempo, comparando abordagens históricas com estratégias contemporâneas. Isso permitirá investigar as políticas atuais sobre a mente e seus impactos na qualidade do tratamento, especialmente considerando eventuais retrocessos ou avanços.

Por fim, proporcionar uma análise aprofundada das práticas históricas em manicômios, utilizando o filme *Bicho de Sete Cabeças* como ponto de partida para uma investigação histórica foi o foco dessa pesquisa. Ao examinar a interconexão entre o tratamento psiquiátrico representado no filme e os contextos históricos, sociais e teóricos, almejamos não apenas compreender as práticas passadas, mas também destacar implicações significativas para a compreensão contemporânea do que diz respeito ao tema.

Embasada nas ideias de Michel Foucault, a pesquisa revelou como as instituições psiquiátricas eram locais de poder e controle, onde o tratamento frequentemente se convertia em formas de opressão. A desumanização do indivíduo, submetido a métodos violentos e a um papel passivo, ficou patente tanto no filme quanto nos registros históricos. Além disso, verificar as dificuldades de reintegração enfrentadas por aqueles que emergiam desses ambientes, destacando como o isolamento e tratamentos inadequados contribuíam para a persistência de problemas de saúde mental, foi outro desdobramento. A transição dos manicômios para a reforma da saúde mental foi discutida, ressaltando avanços legislativos, políticos e sociais, mas também reconhecendo desafios contínuos.

Em última análise, este estudo destaca a necessidade contínua de reflexão crítica sobre as práticas em saúde mental, além de revisar o espaço do jovem, visando contribuir para uma abordagem mais compassiva e justa para o tratamento de indivíduos que enfrentam desafios psiquiátricos e de uma reflexão sobre como compreender o jovem transgressor e como os fatores externos influenciam nesse perfil. Ao examinar as lições aprendidas com as práticas do passado, esta pesquisa busca inspirar futuras investigações e intervenções que promovam uma visão mais inclusiva e respeitosa, contribuindo assim para uma sociedade mais compassiva e compreensiva.

REFERÊNCIAS

BARROS, José D'Assunção. **O projeto de pesquisa em História**. Petrópolis: Vozes, 2008, 4ª edição.

BRASIL, 2006. Lei nº 11.343, de 23 de agosto de 2006. Institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas – Sisnad; prescreve medidas para prevenção do uso indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas; estabelece normas para repressão à produção não autorizada e ao tráfico ilícito de drogas; define crimes e dá outras providências. Brasília: **Diário Oficial da União**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20042006/2006/lei/l11343.htm. Acesso em: 08 nov. 2023.

BRASIL. Lei nº 10.216, de 06 de abril de 2001. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Brasília: **Diário Oficial da União**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10216.htm. Acesso em; 08 nov. 2023.

BRASIL. Lei nº 8.313, de 23 de dezembro de 1991. Reestabelece princípios da Lei nº 7.505, de 2 de julho de 1986, institui o Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac) e dá outras providências. Brasília: **Diário Oficial da União**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8313cons.htm. Acesso em: 20 de jul. de 2023.

CARRANO, Austregésilo. **Canto dos Malditos**. Rio de Janeiro: Lemos, 1993.

- CAYMMI, Dorival. **Quem vem pra beira do mar**, 1959. Disponível em: https://youtu.be/GQK1-H21BLU?si=hy8RwHUBZzIVqy_C. Acessado em: 10 nov. 2023.
- COUTINHO, Eduardo. **Bicho de sete cabeças**. São Paulo, SP, 2000. Buriti Filmes.
- FISCHER, Rosa M. B. **Foucault e a análise do discurso em educação**. Cadernos de Pesquisa.
- FOUCAULT, Michel. **Doença Mental e Psicologia**. 6 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.
- GROPPO, Luis Antonio. **Introdução à sociologia da juventude**. Luís Antonio Groppo. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.
- GUIMARÃES A. N. et al. Tratamento em saúde mental no modelo manicomial (1960 a 2000): histórias narradas por profissionais de enfermagem. **Texto Contexto Enferm**. v. 22, n. 2., 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072013000200012>.
- HIRDES, Alice. **A reforma psiquiátrica no Brasil: uma (re) visão**. Rio Grande do Sul, 2008, p. 297-305.
- LA TAILLE, Yves de; OLIVEIRA, Marta Kohl de; DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias Psicogenéticas em Discussão**. São Paulo: Summus, 1992. 18ª Edição.
- Mattos, Laura; Rocha, Cleiton; Procura por curso de psicologia nas faculdades explode no Brasil. **Folha de São Paulo**. 11 mar. 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2023/03/procura-por-curso-de-psicologia-nas-faculdades-explode-no-brasil.shtml>. Acesso em: 09 nov. 2023.
- MENON, Isabella. Pandemia levou o aumento na busca por terapia e lotou agendas. **Folha de São Paulo**. 16 Abr. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2022/04/pandemia-levou-a-aumentona-busca-por-terapia-e-lotou-agendas.shtml>. Acesso em: 09 nov. 2023.
- MOTTA, M. et al. **Novos domínios da história**. Organizadores Ciro Flamarion Cardoso, Ronaldo Vainfas. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.
- NAPOLITANO, Marcos. Fontes audiovisuais: a história depois do papel. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Editora Contexto, 2008, 2ª edição. P. 235-289.
- PERROT, Michelle, 1928. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. São Paulo: Paz e Terra, 2017. p. 253-362.
- RIO FILMES. Bicho de Sete Cabeças. **Prefeitura do Rio de Janeiro**. 24 de nov. de 2012. Disponível em: <https://youtu.be/F6Yky54edpo?si=xWV3EWBImEUuVDdy>. Acesso em: 06 jun. 2023.
- SAMPAIO, Mariá L.; BISPO JÚNIOR, José P. Entre o enclausuramento e a desinstitucionalização: a trajetória da saúde mental no Brasil. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 19, 2021, e00313145. DOI: 10.1590/1981-7746-sol00313.
- SOARES, Mariza de Carvalho. **A história vai ao cinema**. Rio de Janeiro: Record, 2008, 3ª edição.

ZORZI, Analisa et al. **Sociologia da juventude**. Curitiba: InterSaberes, 2012.